

HOMENAGEM A FLORESTAN FERNANDES – UMA SOCIOLOGIA DO IMPOSSÍVEL

TRIBUTE TO FLORESTAN FERNANDES – A SOCIOLOGY OF THE IMPOSSIBLE

Diogo Valença de Azevedo Costa¹

No ano em que homenageamos o centenário de Florestan Fernandes, sem dúvida o maior sociólogo brasileiro e talvez uma das expressões máximas da teoria sociológica na América Latina, acredito que seria essencial nos questionarmos sobre os caminhos de sua obra se o Brasil tivesse seguido outros rumos históricos, que não o do exacerbamento da violência institucional contra o povo e as classes trabalhadoras representado pelo Golpe Militar de 1964, um golpe de classes da burguesia nacional aliada ao grande capital internacional e imperialista.

É preciso que se diga. Com esse golpe, Florestan Fernandes foi impedido de fazer o que mais sabia e ao que tinha se dedicado em grande parte de sua vida, como um projeto intelectual, sociológico e acadêmico, mas que era, sobretudo, um projeto político de transformação da sua própria sociedade. Florestan queria, acredito eu, colocar as ciências sociais a serviço da solução dos problemas da maioria do povo brasileiro. Que sentido tinha, para ele, fazer uma ciência social rigorosa? Na visão de planejamento social que ele vai buscar em Karl Mannheim, a ideia era realizar diagnósticos precisos dos dilemas sociais brasileiros e, com isso, por meio da construção dos canais sociais de utilização do saber produzido na sociologia, ainda hoje inexistentes, transformar as condições de miséria, falta de esperança e ausência de cidadania entre “os de baixo”, insistindo na tese de que apenas caminharíamos para uma sociedade mais justa e igualitária se fôssemos capazes de consolidar uma ordem efetivamente democrática.

A ciência, para Florestan, carregava um sentido emancipatório muito nítido de defesa da autonomia e liberdade individuais no mundo moderno em ebulição e, no caso

¹ Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Docente Permanente do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – UFRB. E-mail: valencadiogo@ufrb.edu.br

dos países subdesenvolvidos e dependentes, de lutar contra estruturas sociais ultraconcentradoras de riquezas, cultura, prestígio e poder. Em outras palavras, a ciência era uma forma indireta de atuar politicamente. Florestan não era cientificista, como muitos parecem sugerir. Ele não acreditava que a ciência fosse a única forma de conhecimento válida. No debate que travou com os folcloristas nos idos dos anos 50, ele pensava o folclore como uma “disciplina humanística” e, como tal, essa disciplina responderia questões que as ciências sociais não seriam capazes de responder.

É um erro supor-se que o valor do conhecimento dependa, exclusivamente, de sua base científica. Antes da formação do pensamento científico, o homem já obtivera progressos notáveis na esfera do saber; e, após a constituição do pensamento científico, muitas coisas continuam a ser conhecidas e explicadas através de modalidades de saber não científico (FERNANDES, 1989, p. 18).

A passagem anterior foi escrita em 1959. Ora, Florestan entendia que o folclore, como disciplina humanística, tinha muito a dizer sobre o saber popular, um tipo de saber que ele mesmo herdara e do qual participava, coisas que não poderiam ser ditas pela Sociologia, pela Antropologia, pela Psicologia e pelas demais Ciências Sociais. Por outro lado, o conhecimento filosófico tinha especificidades próprias, reconhecidas por Florestan Fernandes como importantes e que não se reduziam à ciência. A própria ciência, a seu ver, não era um conhecimento infalível e, por isso, enfatizava esse tipo de saber como uma construção coletiva, baseada no intercâmbio entre gerações. A todo instante ele falava da necessidade de um intercâmbio geracional de experiências e de conhecimentos como meio de garantir que os mais jovens renovassem a herança cultural, produzindo saberes novos e originais adequados às novas transformações históricas.

Nosso autor atuou como um dos principais responsáveis pela possibilidade de se construir, no contexto muito particular da Universidade de São Paulo (USP), uma ciência social praticada coletivamente, em equipe, e ao mesmo tempo voltada para os problemas nacionais. Isso significava enfrentar os dilemas do subdesenvolvimento e edificar uma sociedade que, baseada na ciência e na tecnologia científica, pudesse resolver de forma racional seus graves problemas estruturais e históricos. Racional em termos *mannheimianos* significava, para Florestan, submeter ao controle humano consciente os prováveis fatores anômicos e disruptivos da ordem social, não no sentido

Homenagem a Florestan Fernandes – Diogo Valença de Azevedo Costa – p. 283-302

de garantir a dominação e privilégios de uma minoria, mas de fazer com que o povo, o homem comum, participasse democraticamente das decisões mais importantes de sua época e de sua própria sociedade.

A Sociologia deteria um sentido crítico como forma histórica de “autoconsciência da realidade social” e, por isso, seu ensino deveria ser ampliado para o conjunto da sociedade. A defesa do ensino de sociologia na escola secundária brasileira (em conformidade com a designação da época) tinha para Florestan Fernandes, nos idos dos anos 50, o propósito de tornar os indivíduos mais autônomos na compreensão dos seus próprios dilemas históricos locais, nacionais e mundiais. Para participar construtivamente dos processos de mudanças sociais, a sociologia deveria ser disseminada como forma crítica de conhecimento, transformando-se numa espécie de senso-comum enraizado em diferentes setores, frações e camadas da sociedade. A esse respeito Florestan Fernandes costumava dizer que, “para poder querer algo socialmente”, seria preciso “pensar sociologicamente” (FERNANDES, 1974, p. 13). A própria ciência sociológica – tal como analisa num ensaio pouco conhecido, escrito em 1946, sobre a concepção da política como ciência em Mannheim (FERNANDES, 1974) – se caracterizava como um processo social, estando por isso vinculada aos dinamismos políticos das disputas entre grupos, classes e demais categorias sociais. De posse do saber sociológico, os indivíduos poderiam ampliar seu poder de refletir criticamente sobre suas próprias escolhas políticas e as alternativas históricas em confronto. As formas de consciência social, inclusive as dos cientistas sociais, são analisadas por Florestan Fernandes, um tipo de análise sociológica que lhe permitia avaliar quais seriam as posições políticas mais progressistas e democráticas dentro dos limites das condições objetivas da sociedade de classes instaurada no Brasil, de tipo subdesenvolvido e dependente. Ele sempre se aliou em diversas circunstâncias às posições mais democráticas e radicais de combate às desigualdades estruturais e históricas da sociedade brasileira.

Não há dúvidas de que Florestan Fernandes se aproximou das forças sociais que considerava mais progressistas de sua época, com o objetivo de combater os riscos de retrocesso representados pelos grupos sociais conservadores, particularistas, antissociais, antinacionais, antidemocráticos e autocráticos em relação à defesa de seus autoprivilégios de classe. A luta contra aquilo que havia caracterizado como “resistência sociopática à mudança”, por parte das elites das classes dominantes, exigia que toda e

qualquer oportunidade de democratização da sociedade brasileira fosse aproveitada livre de qualquer hesitação quanto ao envolvimento político dos cientistas sociais. Isso ajudaria a explicar, dentre outros significativos exemplos de atuação política do sociólogo Florestan Fernandes em meados do século XX, suas tentativas de democratizar por dentro a universidade brasileira: o professor que se torna catedrático em 1964 considerava a instituição da cátedra fortemente autoritária e passou a combatê-la de um lugar privilegiado, a própria cátedra, almejando uma reforma universitária efetivamente democrática, não o arremedo de reforma que surgiu da ditadura e foi aceita por muitos intelectuais universitários da época, os bastiões da contrarrevolução dentro da própria universidade, alguns dos quais responsáveis pela elaboração das famosas listas de docentes a serem punidos pelo regime ditatorial.

A aproximação com as forças progressistas também ajudaria a compreender a participação de Florestan na Campanha em Defesa da Escola Pública. Essa foi uma campanha da qual participaram muitos intelectuais de orientação liberal e Florestan aceitou dela participar porque, a partir da sua condição de sociólogo, poderia apontar as falhas e inconsistências históricas e estruturais da educação brasileira, tendo-se em vista a construção de uma nova ordem social no Brasil, moderna, de tipo competitivo e baseada nos valores democráticos. A sociologia lhe permitia demonstrar que os dilemas educacionais brasileiros, retratados por uma pirâmide de estratificação social extremamente elitista, eram frutos das inconsistências e barreiras que impediam a efetiva concretização dessa ordem social. Por outro lado, Florestan definia precisamente seus horizontes ideológicos socialistas e, em particular, sua origem social *lumpen*, como os verdadeiros dínamos de sua participação na Campanha:

O projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ao ser aprovado pela Câmara dos Deputados na forma assumida pelo substitutivo elaborado em sua Comissão de Educação e Cultura, provocou enorme celeuma em São Paulo. Ao contrário dos educadores que participaram da elaboração do projeto governamental, encaminhado pelo ministro Clemente Mariani, ou que firmaram posição através do projeto *liberal e conciliador* em que aquele projeto foi refundido, a minha disposição de inconformismo achava fundamento na própria situação de existência. Tudo se passou como se me transformasse, de um momento para outro, em porta-voz das frustrações e da revolta dos meus antigos companheiros da infância e da juventude. O meu estado de espírito fez com que o professor universitário falasse em nome do filho da antiga criada e lavadeira portuguesa, o qual teve de ganhar a sua vida antes mesmo de completar sete anos, engraxando sapatos ou dedicando-se a outras

Homenagem a Florestan Fernandes – Diogo Valença de Azevedo Costa – p. 283-302

ocupações igualmente degradadas, de maneira severa, naquela época. Nesse sentido, assumi nos debates travados uma posição análoga à que Patrocínio desempenhou nas lutas abolicionistas, descontados naturalmente os coeficientes históricos e pessoais (o processo abolicionista foi realmente revolucionário e aquele ilustre tribuno possuía dotes de que não me posso vangloriar). A analogia começa e termina na posição em face dos eventos: como a ele, coube-me o dever de elevar ao mundo cultivado do Brasil as angústias, os sentimentos e as observações dos esbulhados, e honro-me ao lembrar que não trepidei, por um instante, diante dos imperativos desse dever. Professor, sociólogo e socialista – não foi de nenhuma dessas condições que extraí o elemento irredutivelmente inconformista, que deu sentido à participação que tive na *Campanha em Defesa da Escola Pública*. Se em nenhum momento traí qualquer uma dessas condições, devo reconhecer francamente que elas foram circunstanciais e acessórias. Elas apenas me ajudaram a compreender melhor aquele dever e me incentivaram a servi-lo de um modo que seria inacessível de outra forma. Com as limitações de formação intelectual de alguém que não era nem é especialista em assuntos educacionais, atirei-me a uma luta desigual, que mais me parecia uma cruzada, na qual nunca deixei de considerar-me como o representante fortuito dos interesses e dos valores educacionais das massas populares. Isso deu-me alento para valorizar e defender, ao mesmo tempo que reconhecia suas inconsistências, a política educacional da República, que não foi nem resguardada nem fortalecida em todos os episódios ligados à elaboração e à promulgação da referida lei (FERNANDES, 1966, p. XIX-XX).

Não quis reduzir a longa citação. Em se tratando de um texto em homenagem a Florestan e não de um artigo acadêmico, considero importante dar a oportunidade de os leitores tirarem suas próprias conclusões. A identificação com a figura histórica de José do Patrocínio diz muito a respeito das lealdades, não apenas políticas, mas existenciais e sociais de Florestan Fernandes. Um aspecto pouco conhecido de sua biografia é que ele e sua mãe, Dona Maria Fernandes, conviveram com uma família negra durante certo tempo, na casa de Dona Albertina e seu filho Rodolfo. Após ingressar como aluno de ciências sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, para poder trabalhar e estudar ao mesmo tempo por conta das distâncias, Florestan Fernandes vai morar na casa de Dona Ivana Pirman de Castro e seu marido José de Castro Manso Preto, a quem ele dedica *As trocinhas do Bom Retiro*, uma de suas mais importantes pesquisas sobre o folclore infantil. Dona Maria Fernandes morou ainda mais tempo com Dona Albertina e o filho Rodolfo, a quem Florestan ia visitar frequentemente junto com sua família, esposa e filhos – informações essas que me foram passadas pela socióloga Heloísa Fernandes, filha de Florestan, a quem agradeço por essas memórias e lembranças de sua vida familiar. O importante a considerar é que,

Homenagem a Florestan Fernandes – Diogo Valença de Azevedo Costa – p. 283-302

em *A integração do negro na sociedade de classes* (FERNANDES, 2008, p. 26), tese de cátedra originalmente defendida em 1964, nosso autor fala de uma “projeção endopática” com a situação de existência do negro brasileiro, surgida em grande parte dessa convivência horizontal e solidária, compartilhando as mesmas dificuldades, com essa família negra e muitas crianças com as quais partilhou sua vida de menino pobre¹.

Importantes pesquisas hoje vêm sendo elaboradas sobre as relações entre os trabalhos de Florestan Fernandes sobre a questão racial e sua inserção nos movimentos negros atuantes em meados do século XX. Como se sabe, na pesquisa do Projeto UNESCO em 1951 foram promovidas reuniões com a intelectualidade negra atuante na cidade de São Paulo, muitas e muitos dos quais pertenceram às fileiras da extinta Frente Negra Brasileira (1931-1937), tais como José Correia Leite, Sofia Campos, Geraldo Campos de Oliveira, Raul Joviano Amaral, os irmãos Veiga dos Santos, Francisco Lucrécio, dentre outros. Esses trabalhos têm demonstrado o quanto Florestan produziu suas categorias sociológicas a partir dos objetivos históricos traçados pelo protesto negro da época, circunscrevendo forçosamente seus horizontes nos marcos da ordem social competitiva e, nesse sentido, apontando ao mesmo tempo seus limites, mas reconhecendo o teor altamente revolucionário da reivindicação do povo negro numa sociedade tão fechada como a brasileira. A questão do negro foi erigida por Florestan como o dilema número um da nossa democracia, uma democracia restrita voltada para as elites brancas das classes dominantes que funcionam quase como verdadeiros estamentos. Dentre os trabalhos que recuperam seriamente, com pesquisas documentais originais, vários aspectos da inserção de Florestan Fernandes na militância antirracista, podemos mencionar os trabalhos de Natália Neris da Silva Santos (2015), Antonia Junqueira Malta Campos (2016), Mário Augusto Medeiros da Silva (2017; 2018) e Maybel Sulamita de Oliveira (2018). Agradeço a Paulo Henrique Fernandes da Silveira, professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE/USP), por ter me apresentado essas novas e alentadas pesquisas.

Importante notar também que Florestan faz menção, na passagem acima transcrita do prefácio de *Educação e sociedade no Brasil*, à sua filiação ideológica socialista. A par disso, ele afirma explicitamente reconhecer as *inconsistências* da

¹ Em entrevista concedida a Eliane Veras Soares em 25 de outubro de 1990, Florestan iria se lembrar de um dos seus companheiros de infância que soçobraram: “O Angelim, engraxate, que era meu companheiro, ficava naquele ponto ali, perto da estação de bondes da Vila Mariana; ele morreu de tuberculose” (FERNANDES, 1990).

política educacional da República, mas, mesmo assim, se lançou a defendê-la contra o avanço dos interesses dos setores privatistas. Em outros termos, afirmar uma posição a favor das conquistas progressistas dentro da ordem social burguesa nunca significou, no seu caso, assumir uma ideologia liberal. Por isso ele marcava a todo instante suas diferenças em relação ao ideário dos pioneiros da Escola Nova, reconhecendo seu valor, mas demarcando suas próprias posições políticas e ideológicas. Seria errônea a identificação ideológica que às vezes se faz entre Florestan Fernandes e o liberalismo. Quando ele chegou a defender bandeiras liberais em certos momentos, era porque considerava alguns avanços possíveis dentro das condições reais do atraso brasileiro. O seu reformismo tinha um sentido socialista e não liberal. O fato de Florestan Fernandes ter se declarado como socialista em seus escritos não pode ser tomado como algo meramente retórico, mas cumpre avaliar o que seria a sua perspectiva socialista em cada momento histórico específico e em que medida tal vínculo ideológico se configura como dimensão essencial de seu pensamento teórico nas ciências sociais e de suas concepções políticas e epistemológicas.

Os horizontes ideológicos de Florestan Fernandes o aproximavam, nesse sentido, das reivindicações dos grupos políticos mais progressistas, mesmo que circunscritos a alguns limites históricos da sociedade brasileira e, com isso, acreditava que a Sociologia como ciência, estando vinculada à defesa de valores da ordem democrática como autonomia individual e liberdade, deveria convergir necessariamente para fins emancipatórios. Seu objetivo era fazer das ciências sociais ferramentas intelectuais na luta contra o subdesenvolvimento e a dependência. No entanto, sem que houvesse movimentos sociais organizados dispostos a enfrentar o subdesenvolvimento, os caminhos apontados pela Sociologia para encontrar soluções coletivas seriam meras virtualidades, cuja concretização seria sempre incerta. O sociólogo não seria, para Florestan, o demiurgo do real e a simples verdade das suas análises não deteria o poder de transformar a realidade por si só. Os projetos científicos de Florestan – tais como elaborados no âmbito da cadeira de Sociologia I e do CESIT (Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho, fundado em 1962) nas décadas de 1950 e 60 até sua aposentadoria compulsória da instituição a qual se dedicara durante vinte e cinco anos de docência – detinham o sentido de realizar uma sociologia ao mesmo tempo comparada e histórica do Brasil e da América Latina, a fim de produzir conhecimentos novos e originais que embasassem futuros projetos de “mudança cultural provocada” ou Homenagem a Florestan Fernandes – Diogo Valença de Azevedo Costa – p. 283-302

planejamento social. Mas isso só seria possível numa sociedade em vias de democratização. Desde sua primeira análise dos escritos de Mannheim sobre a política como ciência, em 1946, Florestan chamou atenção para a impossibilidade de as ideias sobre o planejamento poderem ser integralmente implementadas nas sociedades capitalistas, em especial quando se estivesse tratando de sociedades violentamente autocráticas, como nas ditaduras latino-americanas.

A revolução burguesa não se concretizou, ao menos nos moldes de uma revolução nacional e democrática, e o que se vivenciou no Brasil foi justamente um regime de exceção, violento e autocrático. Como o planejamento social iria dar certo numa sociedade de interesses profundamente particularistas, sustentados pela superexploração da força de trabalho e pela marginalização de amplas camadas da sua população? O único planejamento possível aí se deu na esfera da aceleração do crescimento econômico a favor do aprofundamento das condições de dependência. O cientista social não serve de muita coisa nesse tipo de sociedade, já que não seria finalidade das camadas dominantes, que monopolizam o poder e se autoprivilegiam, realizar grandes projetos de planejamento urbano, educacional, de reforma agrária etc., para eliminar as causas geradoras da miséria de milhões de brasileiros. As ciências sociais, mesmo quando reformistas, são combatidas em tal contexto. Nesses termos, com os ataques atuais às ciências sociais e à universidade pública, a situação contemporânea não difere muito daquela vivenciada por Florestan em fins dos anos 60. Por isso ele foi banido e impedido de contribuir para que a sociologia atuasse como um poderoso instrumento intelectual de mudança social democrática e de produção de conhecimentos válidos para a correção das desigualdades, a miséria e a favor de soluções democráticas e participativas na sociedade brasileira. O que Florestan Fernandes conseguiu realizar foi, nesse sentido, uma sociologia do impossível, das nossas impossibilidades históricas, que precisariam ser tensionadas até o extremo para fazer saltar pelos ares estruturas sociais tão iníquas e opressoras como as do capitalismo colonialista e dependente.

A sua própria teorização sociológica, tão avançada para a época em termos de síntese conceitual e metodológica, também se tornou uma impossibilidade histórica. O que Florestan Fernandes propôs naquele momento, isto é, ainda durante seu enraizamento institucional na Universidade de São Paulo, até hoje não me parece ter sido tentado novamente ou superado. Não se tratava de uma síntese sociológica *in*

Homenagem a Florestan Fernandes – Diogo Valença de Azevedo Costa – p. 283-302

abstracto, a partir do diálogo com as grandes correntes teóricas das ciências sociais. Mas de um questionamento da própria teoria sociológica, tendo como fundamento investigações das situações específicas das nações periféricas do sistema capitalista. A sua diferença residia justamente em não ter ficado a meio caminho, ou seja, o de propor exclusivamente uma sociologia dos problemas nacionais que, presa à particularidade brasileira, fosse incapaz de realizar as mediações lógicas, conceituais e históricas do abstrato ao concreto e de produzir uma síntese teórica que, sendo mais rica e complexa do que as explicações restritas ao universo empírico das nações hegemônicas do capitalismo central, alcançasse uma “síntese de múltiplas determinações” ou a “unidade do diverso”. O que Florestan Fernandes propôs foi que os cientistas sociais brasileiros e latino-americanos investigassem suas próprias realidades e, a partir dessas investigações, avançassem na crítica e superação dialética dos limites das teorias construídas nas nações centrais.

Tratava-se, além disso, de um padrão de ciência social que combinava os móveis teóricos, práticos e empíricos da explicação sociológica numa estrutura lógica e conceitual em distintos níveis ou dimensões interconexas. Essa síntese sociológica vem mesmo antes dos grandes trabalhos teóricos de um Anthony Giddens, por exemplo, ou até antes mesmo que Jeffrey Alexander falasse do “novo movimento teórico”, dos grandes debates sobre agência e estrutura no conjunto das ciências sociais. Podemos questionar hoje as limitações da própria teoria sociológica da época em que Florestan Fernandes conseguiu avançar reflexões desse tipo, mas penso que, para os debates teóricos mais elevados e de caráter abstrato terem algum significado para o enraizamento cultural da sociologia no Brasil e na América Latina, a atitude crítica e intransigente de nosso autor contra o “colonialismo mental” nas ciências sociais deve ser recuperada. E isso me parece faltar bastante em muitos dos que se dedicam àquilo que se chama pesquisa teórica na sociologia e nas ciências sociais, na verdade um trabalho muitas vezes preliminar de análise conceitual de autores e correntes de pensamento. Para Florestan, ao contrário, isso não seria trabalho teórico, pois este último passa pela pesquisa e pelo confronto entre as teorias e as descobertas que se faz a partir de investigações concretas.

Esse padrão altamente elevado de pesquisa sociológica se tornou uma impossibilidade histórica com o regime autocrático burguês no Brasil, mas era o tipo de trabalho de que o país necessitava para enfrentar os dilemas do subdesenvolvimento e

Homenagem a Florestan Fernandes – Diogo Valença de Azevedo Costa – p. 283-302

do capitalismo dependente. Trata-se, portanto, de uma sociologia do impossível e do que poderia ter sido e não foi se o Brasil tivesse seguido rumos democráticos. Impedido pelas circunstâncias históricas de prosseguir no seu ofício, que com tanto esmero havia lapidado de forma artesanal, Florestan Fernandes não teve outro caminho senão o de radicalizar-se intelectualmente e, em particular, naquela dimensão da sua sociologia mais influenciada diretamente pelo pensamento de Marx e pelo marxismo, que ele costumava chamar de “Sociologia Diferencial ou Histórica”. Foi no exílio canadense, durante três anos, entre 1969 e 1972, que Florestan Fernandes passa a se identificar, sem direito a tergiversações, como um “sociólogo marxista” e começa a construir, com a rica experiência de um mestre-artesão, a categoria política e epistemológica da “sociologia crítica e militante”. O significado mais preciso dessa expressão pode ser buscado no ensaio, provavelmente escrito em 1976, *A sociologia como contestação* (FERNANDES, 1980b), em que a dimensão *crítica* se caracteriza pela investigação rigorosa – nos marcos de sua Sociologia Histórica – das formações sociais capitalistas, centrais e dependentes, e a *militante* pela necessária atuação do intelectual no movimento socialista de luta contra a ordem dominante sob o capitalismo nos níveis nacional e internacional.

O reencontro de Florestan Fernandes com a América Latina, agora sob um novo prisma revolucionário, irá ocorrer no Canadá. Aliás, seria na solidão dos invernos canadenses que Florestan Fernandes iria viver o “luto” de sua antiga concepção de universidade e se transformar no socialista leninista, como nos testemunha o belo relato de sua filha, Heloísa Fernandes, em *Chaves do exílio e portas da esperança* (SILVEIRA, 2006). Por isso, nessa seção em homenagem ao nosso autor da revista *Novos Olhares Sociais*, resolvi tentar reconstruir um pouco do panorama intelectual vivido por Florestan Fernandes na Universidade de Toronto, num momento tão difícil e dramático para a histórica brasileira. Assim o fiz tentando buscar depoimentos daqueles que aprofundaram algum laço de amizade, respeito ou admiração com o nosso homenageado. Nessa busca, tive a honra de conhecer pessoalmente e realizar uma entrevista de quase duas horas com o Prof. José Nun no dia 21 de setembro de 2019 na cidade de Buenos Aires. Não tenho dúvidas de que José Nun foi o amigo mais próximo de Florestan Fernandes no exílio canadense e penso que um sentimento latino-americano unia a ambos. José Nun escreveu, em 1969, um trabalho clássico que pode ser considerado um dos principais marcos da reflexão marxista sobre a marginalidade, Homenagem a Florestan Fernandes – Diogo Valença de Azevedo Costa – p. 283-302

isto é, sobre aquela massa descartada pelo sistema capitalista, *afuncional* em termos da produção e reprodução da mais-valia, mas extremamente útil aos propósitos da dominação burguesa nos países dependentes. Nun foi responsável pela elaboração da categoria de “massa marginal”, ainda hoje válida para explicarmos diversos aspectos da sociedade brasileira e de vários outros países latino-americanos. Por meio de correspondência eletrônica tive a oportunidade de conhecer a Profa. Marion Blute e Prof. Bernd Baldus, que também nutrem por Florestan Fernandes um laço de respeito e admiração. Gentilmente Marion Blute me enviou um *paper* redigido no ano de 1969, quando fora aluna de Florestan num curso de pós-graduação na Universidade de Toronto, e Bernd Baldus um breve depoimento que, no entanto, nos ajuda a reconstruir um pouco do ambiente político do movimento estudantil de então nas universidades dos países centrais.

Ainda está por se fazer um estudo mais detalhado das redes intelectuais e acadêmicas de Florestan Fernandes na Universidade de Toronto, ou mesmo de outros seus estágios e passagens em universidades do exterior. Tudo que sabemos são as menções feitas por Florestan em alguns depoimentos e a partir dos seus escritos da época em que esteve lecionando sociologia na Universidade de Toronto. No entanto, seu arquivo pessoal conserva as cartas por ele recebidas durante a etapa canadense, que nos ajudaria a reconstruir um pouco do seu cenário intelectual, político e histórico. É um trabalho no qual comecei a me debruçar, mas muito difícil e às vezes com traços de pegada que me animo ao encontrar, mas logo se apagam. O *paper* de Marion Blute trata das concepções de desenvolvimento autônomo de Frantz Fanon e Ivan Illich, no qual a autora estava propondo uma comparação e aproximação entre o psiquiatra martinicano e o filósofo da educação austríaco, depois radicado no México. A escolha de Fanon não foi por acaso porque o revolucionário do Terceiro Mundo se tornou uma leitura muito difundida entre os jovens radicais da Universidade de Toronto, conforme podemos perceber pelo depoimento que me foi enviado por Bernd Baldus. Essas informações valiosas me ajudaram a levantar a hipótese de que a leitura *fanoniana* de Florestan Fernandes, embora já presente nos anos de 1960, como bem me apontou Paulo Henrique Fernandes da Silveira, se aprofundou durante ou depois da sua estadia na América do Norte. Talvez fosse a forma de Florestan se encontrar consigo mesmo, de se revoltar contra a sua própria condição de colonizado e de propor a descolonização como uma bandeira de luta, daí o forte impacto das leituras de Frantz Fanon em seus

horizontes sociológicos de interpretação do Brasil e da América Latina. Apesar de os livros de Fanon não serem mencionados na bibliografia de *A revolução burguesa no Brasil*, livro publicado originalmente em 1975, no prefácio à segunda edição da obra Florestan Fernandes assim se pergunta a si mesmo e aos críticos de sua obra, talvez pelo impacto de suas leituras críticas sobre o colonialismo:

[...] em determinado ponto de sua carreira o sociólogo não tem o direito e em particular o dever de opor o seu “basta” à *maneira corrente* de contar as coisas? Indo um pouco além, o **colonizado** não pode afirmar sua natureza e descobrir, no fundo do seu ser e da sociedade que o forma, o que é uma sociedade de classes da periferia na era do capitalismo monopolista? E para que a história seja completa, ele não pode procurar os “tempos internos” de uma modernidade tão peculiar, que se desata “de fora para dentro” e dá origem a uma “orgia institucional”? Ou é melhor recitar as fórmulas da “ciência política sistemática”, à direita, ou do “estruturalismo marxista”, à esquerda? (FERNANDES, 2000, p. 1504-1505; grifos meus).

Uma observação à parte talvez se faça agora necessária. O envolvimento de nosso autor no apoio à luta democrática em Portugal se fazia a partir de uma perspectiva crítica sobre o colonialismo. São duas coisas indissociáveis. Sugiro, a esse respeito, a leitura dos quatro primeiros textos de *Democracia e desenvolvimento: a transformação da periferia e o capitalismo da era atual* (FERNANDES, 1994). São textos de 1967 a 1974, nos quais já se percebe algumas das primeiras formulações políticas de teses que iriam estar presentes em *A revolução burguesa no Brasil*, que viria a ser concluído em meados da década de 1970. De igual modo, os trabalhos escritos em Toronto representam um ponto de inflexão nos enfoques de Florestan Fernandes sobre América Latina. De uma sociologia acadêmica comprometida com a mudança social, nos marcos da concepção *mannheimiana* sobre o “planejamento experimental e democrático”, dado que as circunstâncias políticas pré-64 lhe faziam crer na possibilidade de que uma possível união das forças progressistas poderia alimentar as bases do uso socialmente construtivo do saber sociológico no enfrentamento dos dilemas do subdesenvolvimento, Florestan Fernandes passa a perceber a via socialista como a mais radical para lutar contra as formas de exploração, espoliação e dominação do capitalismo dependente e imperializado das periferias desse sistema mundial. Os textos do exílio canadense também antecipam muitas das teses que serão reelaboradas e aprofundadas em *A revolução burguesa no Brasil*, de modo que a sua “sociologia crítica e militante” não se

Homenagem a Florestan Fernandes – Diogo Valença de Azevedo Costa – p. 283-302

construiu da noite para o dia. Seria ainda importante mencionar seus vínculos intelectuais com o movimento de libertação dos países africanos, em especial os de língua oficial portuguesa. Florestan redigiu a apresentação do livro de Licínio Azevedo e Maria da Paz Rodrigues, *Diário da libertação: a Guiné Bissau da nova África* (FERNANDES, 1977). O revolucionário e escritor angolano Mário de Andrade enviou carta a Florestan Fernandes, datada de 10 de agosto de 1989, referindo-se a seu estudo em conjunto com Roger Bastide sobre o negro brasileiro e comunicando que estava empenhado em concluir uma obra sobre a história das ideias nacionalistas africanas, a qual iria enviar-lhe um exemplar para que pudessem estabelecer entre si uma relação crítica de debates. Lamentavelmente Mário Pinto de Andrade faleceu no ano seguinte, em 1990, e os dois não puderam aprofundar uma troca intelectual que seria muito rica. A obra a qual se refere o escritor angolano seria certamente o livro intitulado *Origens do nacionalismo africano* (ANDRADE, 1998), que deixara concluída antes de seu falecimento. Reproduzo essa carta ao final dos textos que compõem a presente seção de *Olhares Sociais no Brasil e no Mundo*, como uma homenagem aos dois intelectuais revolucionários de África e América Latina.

O exercício artesanal da “sociologia crítica e militante” se revela de forma mais exemplar em *A revolução burguesa no Brasil*, pois nesse clássico Florestan Fernandes mobiliza toda sua formação sociológica para interpretar a emergência, o desenvolvimento e a consolidação da sociedade de classes no Brasil. Ele trabalhou aí uma história do tempo presente, analisando sem qualquer possibilidade de conciliação ou transigência com a ordem autocrática burguesa, as fissuras e contradições da estrutura compósita de poder das classes dominantes, internas e externas, que pudessem indicar caminhos políticos para a derrota da ditadura e avanços das forças democráticas, especialmente atento para a construção a longo prazo do movimento socialista. As reflexões centrais do livro versam sobre a “autocracia burguesa”, mas aqui ou ali podemos perceber as esperanças políticas de suas análises, que seriam a de abrir o espaço institucional fechado pela ditadura empresarial-militar. As indicações mais explícitas dos caminhos históricos possíveis serão desenvolvidas em outros trabalhos posteriores de cunho mais político como *Brasil: em compasso de espera* (2011; publicado pela primeira vez em 1980), *A ditadura em questão* (1982), *O que é revolução* (1981) e *Nova República?* (1986), apenas para destacar alguns títulos de uma lista bem mais extensa. A sua atividade de publicista revolucionário se inicia mais ou

menos nessa época, em fins dos anos 70, início dos 80 e se intensifica quando de seu ingresso no Partido dos Trabalhadores (PT), em 1986, e nos seus dois mandatos parlamentares sucessivos, de 1987 a 1994, o primeiro como deputado federal na Assembleia Constituinte. Ao fundir as duas dimensões, a reflexão científica rigorosa sobre o mundo e a sociedade brasileira com a militância socialista, Florestan estava efetivamente realizando as suas duas vocações, a do sociólogo e a do socialista, agora inseparáveis numa mesma pessoa. Essa fase da vida de Florestan Fernandes não pode ser desconsiderada como ideológica, caracterizada pelo marxismo militante e, nesse sentido, desprovida de qualquer valor científico. Seria, inclusive, um preconceito conservador considerar o marxismo como mera ideologia. Pelo fato de não mais realizar as pesquisas empíricas sistemáticas de antes, nos moldes acadêmicos, isso não quer dizer que o modo de refletir deixasse de ser sociológico ou mesmo que as informações coligidas, às vezes de maneira impressionista no calor dos acontecimentos políticos, não se submetessem ao crivo crítico do sociólogo de sólida formação e conhecimento das principais correntes clássicas e modernas das ciências sociais. Ele fazia sociologia e, ao mesmo tempo, como marxista estava contribuindo para a construção de um pensamento socialista original, autônomo e independente no Brasil.

Antes de concluir, uma digressão lateral me vem à mente. A noção de artesanato intelectual está presente nas reflexões autobiográficas de Florestan Fernandes sobre sua trajetória sociológica e política. Nesse aspecto em particular podemos aproximá-lo do sociólogo radical norte-americano, Wright Mills, o qual tanto admirava. Ambos cultivaram com zelo a construção de um arquivo intelectual como ferramenta de lapidação da “imaginação sociológica”, que só pode ser uma imaginação política. Seria uma tarefa inovadora e bastante original a elaboração de uma sociologia do artesanato intelectual, comparando-se os métodos de construção dos arquivos pessoais de Wright Mills e Florestan Fernandes. Há muitos elementos para se estabelecer comparações entre os modos como ambos produziam as categorias sociológicas mais fundamentais em suas pesquisas ou nos seus ensaios políticos a partir da combinação de seus fichamentos analíticos, que recolhem separadamente, mas sempre de modo sistemático, conceitos, citações de textos, autores, dados de pesquisa etc., numa reconstrução sintética do mundo histórico e social. O Fundo Florestan Fernandes hoje pertencente à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), que reúne os manuscritos e os documentos pessoais do sociólogo brasileiro, e as duas coleções de arquivos relevantes

Homenagem a Florestan Fernandes – Diogo Valença de Azevedo Costa – p. 283-302

para o estudo da obra de Wright Mills² nos permitem analisar materiais capazes de iluminar um padrão de trabalho intelectual típico da prática das ciências sociais no século XX. Com as novas tecnologias informáticas, esse padrão de trabalho estaria aparentemente superado. No entanto, caberia indagar o quanto podemos estar perdendo em termos de reflexão sociológica crítica, dadas as aparentes facilidades da robotização das nossas rotinas intelectuais, numa espécie de tecnificação burocrática da ciência que nos afasta dos debates sobre os rumos históricos das nossas sociedades e de nossa inserção, como indivíduos, nas disputas políticas entre grupos dominantes e dominados. Mills nos apresenta reflexões desse tipo em seu famoso livro *A imaginação sociológica* (MILLS, 2000), publicado originalmente em 1959, em particular no apêndice intitulado “Sobre o artesanato intelectual” (*On intellectual craftsmanship*), que encontram ressonâncias no ensaio autobiográfico *Em busca de uma sociologia crítica e militante*, antes já indicado como leitura fundamental para compreender a trajetória política do sociólogo brasileiro.

Os textos de Florestan Fernandes publicados na década de 1980 até a data de seu falecimento, em 10 de agosto de 1995, são verdadeiros documentos políticos de análise sociológica crítica e militante para conhecermos a nossa não mais já tão recente história republicana. Nosso autor sempre foi um crítico intransigente da “Nova República”, entre aspas, por reconhecê-la como um prolongamento da ditadura por outros meios. No rigor da sua análise sociológica, o socialismo lhe permitiu ver mais longe do que muitos de seus contemporâneos. O socialismo não fez com que Florestan Fernandes abandonasse o rigor científico. Ao contrário, fortaleceu essa exigência de rigor na reflexão sociológica e na necessidade de conhecer objetivamente a situação política brasileira. Aliás, as ideologias socialistas sempre estiveram de alguma forma nos seus horizontes sociológicos e na sua formação como cientista social. Isso não significa

² No caso de Mills, há dois arquivos relevantes para o estudo de sua obra. Reunindo seus *papers* originais e correspondências, localizado no *Briscoe Center for American History* da *University of Texas at Austin*, trata-se de uma coleção de manuscritos e materiais das pesquisas de Wright Mills dos anos de 1930, quando ainda estudante na Universidade do Texas, até sua morte em 1962. No entanto, há também o arquivo pessoal de Irving Louis Horowitz da *Penn State University*, o qual, além de recolher também *papers* e documentos de Mills, abrange uma documentação envolvendo correspondências e trabalhos de estudiosos da obra do autor de *A imaginação sociológica*. Como se sabe, Horowitz foi o primeiro biógrafo intelectual de Mills e ajudou a divulgá-lo em outros países, em especial no Brasil e América Latina. Nesse sentido, parece-me que o arquivo de Horowitz conserva um material mais específico para se realizar uma investigação histórica da fortuna crítica sobre a sociologia de Wright Mills. Venho, nesse sentido, examinando a correspondência de Horowitz sobre Mills, disponibilizada *on line* pela Penn State University, como atividade pertinente ao projeto de investigação “A sociologia de Wright Mills: teoria e política”.

caracterizá-lo como um sociólogo marxista desde sempre ou no início da sua carreira acadêmica, mas apenas reconhecer que o diálogo com a obra de Marx foi fundamental para ajudá-lo a pensar a integração teórica das divisões da sociologia com as demais ciências sociais e o pensamento filosófico. Florestan Fernandes reconheceu explicitamente esse débito em relação a Karl Marx e os caminhos dessa complexa e multifacetada construção teórica foram delineados em traços gerais num ensaio de 1947, *O problema do método na investigação sociológica* (FERNANDES, 1976). É preciso que o leitor leia esse texto seminal e retire suas próprias conclusões. Os rumos da elaboração teórica de Florestan Fernandes se transformaram em múltiplas direções, que não poderiam jamais estar presentes nesse ensaio de 1947, mas analisando-o retrospectivamente, em comparação, por exemplo, com *A natureza sociológica da sociologia* (1980a), percebe-se o quanto algumas ideias deste último livro já estão ali esboçadas. Como Florestan tinha o costume de sempre reler e revisar seus textos, pensando-se a si mesmo o tempo todo, é muito provável que ele procurasse tecer várias continuidades internas na construção de sua visão de mundo sociológica, não menos atravessadas de cisões e rupturas necessárias quando se procura dar conta das transformações da própria realidade histórica em que o cientista social se encontra inserido como agente político. Aliás, ao ler e comentar à margem o texto sobre ele produzido por Mariza Peirano (1984), intitulado *A antropologia esquecida de Florestan Fernandes: os Tupinambá*, o autor analisado no texto responde à pergunta sobre si mesmo: “quais dos trabalhos de Florestan Fernandes ‘vão ficar?’” (PEIRANO, 1984, p. 45). A resposta só poderia ser um dos maiores exemplos da consciência histórica do sentido da produção de conhecimento nas ciências sociais, pois diz Florestan Fernandes: “nada fica = a ciência se repõe c/ o mundo que se transforma”. Uma grande lição para muitas de nossas veleidades acadêmicas. O verdadeiro sentido das ciências sociais estaria no que podemos produzir de novo e original, por isso nossos conhecimentos são sempre provisórios, mas principalmente no que esse saber poderia trazer de favorável à luta contra as formas de dominação e exploração nas formações sociais capitalistas das periferias e dos centros hegemônicos.

Por fim, não poderia deixar de concluir essa homenagem ao maior sociólogo brasileiro sem explicar o subtítulo do meu texto. A referência ao *impossível* não quer sugerir que Florestan Fernandes tenha se tornado um utópico sonhador. Fiz a referência ao *impossível* porque a verdadeira tarefa da “sociologia crítica e militante”, de Florestan

Homenagem a Florestan Fernandes – Diogo Valença de Azevedo Costa – p. 283-302

Fernandes aos nossos dias, tem sido a de tornar “possível o impossível”. A dimensão utópica não deixa de ser uma dimensão necessária da vida em sociedade e todos temos nossas utopias. Podemos encontrar utopias boas ou ruins, como as utopias construídas pelos conservadores e reacionários. Hoje há quem se guie pelas utopias fascistas e querem fazer do Brasil uma espécie de paraíso para o capital imperialista e financeiro, a custas da espoliação e da miséria da grande massa de condenados do sistema. Inclusive, nosso autor entendia a estratégia socialista no Brasil como um esforço de unir politicamente as classes trabalhadoras e as massas marginalizadas, apenas para lembrar aqui mais uma afinidade com seu amigo argentino José Nun. O sentido da vida de Florestan Fernandes, que eu gostaria de homenagear aqui, foi o de lutar pelo que muitos consideram impossível, a realização da utopia socialista. Deixei de aprofundar muitas coisas, a exemplo do seu papel de militante socialista na luta antirracista. Ele soube ouvir e aprender com os movimentos negros e essa humildade política era justamente a força maior de seu pensamento. Isso também não pode ser esquecido. Mas gostaria de encerrar deixando a palavra com Florestan Fernandes: “[...] sem o socialismo e o comunismo, as classes trabalhadoras não ultrapassariam os limites da revolução dentro da ordem; e, sem as classes trabalhadoras plenamente identificadas com a concretização de suas tarefas políticas, o socialismo e o comunismo não passariam de mera utopia, quicá a mais bela utopia produzida pelo pensamento humano” (*A ditadura em questão*, 1982).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário Pinto de. **Origens do nacionalismo africano**. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

CAMPOS, Antonia J. M.. **Interfaces entre sociologia e processo social: a Integração do negro na sociedade de classes e a pesquisa Unesco em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, 2016.

FERNANDES, Florestan. **Educação e sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus, 1966.

_____. **Elementos de sociologia teórica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

_____. **Ensaio de sociologia geral e aplicada**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1976.

Homenagem a Florestan Fernandes – Diogo Valença de Azevedo Costa – p. 283-302

_____. Apresentação. In: AZEVEDO, Licínio, RODRIGUES, Maria da Paz. **Diário da libertação: a Guiné Bissau da nova África**. São Paulo: Versus, 1977.

_____. **A natureza sociológica da sociologia**. São Paulo: Ática, 1980a.

_____. **A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1980b.

_____. **O que é revolução**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. **A ditadura em questão**. 2. ed. São Paulo: TAQ, 1982.

_____. **Nova República?** 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____. **O folclore em questão**. São Paulo: HUCITEC, 1989.

_____. Entrevista concedida a Eliane Veras Soares. Brasília, 25 out. 1990.

_____. **Democracia e desenvolvimento: a transformação da periferia e o capitalismo monopolista da era atual**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

_____. A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica. In: SANTIAGO, Silviano (coord.). **Intérpretes do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

_____. **A integração do negro na sociedade de classes**. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008. v. 1

_____. **Brasil: em compasso de espera**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

MILLS, C. Wright. **The sociological imagination**. New York: Oxford University Press, 2000.

OLIVEIRA, Maybel Sulamita. **O Teatro Experimental do Negro em meio à militância e à intelectualidade: eventos programáticos realizados entre 1945 e 1950**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, 2018.

PEIRANO, Mariza. A antropologia esquecida de Florestan Fernandes: os Tupinambá. **Anuário Antropológico**, 82, p. 15-49, 1984.

SANTOS, Natália Neris da Silva. **A voz e a palavra do movimento negro na Assembleia Nacional Constituinte (1987/1988): um estudo das demandas por direitos**. Dissertação (Mestrado em Direito) – Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2015.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Outra ponte sobre o Atlântico Sul: descolonização africana e alianças político-intelectuais em São Paulo nos anos 1960. **Análise Social**, Lisboa, v. 52, p. 804-826, 2017.

Homenagem a Florestan Fernandes – Diogo Valença de Azevedo Costa – p. 283-302

_____. Órbitas sincrônicas: sociólogos e intelectuais negros em São Paulo, anos 1950-1970. **Revista Sociologia e Antropologia**, v. 8, p. 109-131, 2018.

SILVEIRA, Heloísa Fernandes. Chaves do exílio e portas da esperança. **Pulsional**. Ano XIX, n. 185, mar., 2006.

Carta de Mário Pinto de Andrade a Florestan Fernandes, datada de 10/08/1989

01.09.5750
Maputo, 10 de Agosto de 1989

Caro Professor Florestan Fernandes,

Agradeço o retrato que
teve a amabilidade de me endereçar, por in-
termédio da estimada amiga Maria Isaura
Queiroz. Deixaria efusivamente entabular correspon-
dência consigo, lembrando que estou do meu estudo
(de parceria com Ruyfer Bantide) sobre a problemática
do negro no Brasil.

Logo termine a redacção da obra em que estou
empenhado - a história das ideias nacionalistas
africanas (com particular incidência nas linhas
hábitas tocadas pela colonização lusitana)
farei chegar às suas mãos e fico, desde já,
grato pelas suas observações críticas.

Aguardo as notícias. Aceito o paternal
abraço de

Mário de Andrade

P.S./Até fins de Outubro:
X/ MARIA DO CÉU CARMO REIS
PNUD/FNUAF
P.O.Box. 4595
Maputo
R.P. Moçambique

Fonte: UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes/01.09.5750

Homenagem a Florestan Fernandes – Diogo Valença de Azevedo Costa – p. 283-302